artigos e ensaios

A pesquisa qualitativa fenomenológica: olhos para ver a criatividade cotidiana

Hulda Erna Wehmann

Arquiteta e Urbanista, doutoranda em Arquitetura e Paisagismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, R. do Lago 876, Butantã, São Paulo, SP, CEP 03178-200, (11) 3091-4795, wehmann.hulda@gmail.com

Resumo

Entender a paisagem como a apreensão sensível do espaço implica uma revisão de metodologias de trabalho: como indagar sobre essas percepções, e a quem? Como trabalhar imaginários diversos para espaços sempre em transformação? São estas as questões que estruturam este texto, sobre as possibilidades trazidas pela pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica para o tema. A partir de uma aproximação inicial ao campo, investiga-se as contribuições trazidas pelo campo às inquietações teóricas iniciais. Essa sondagem realizou-se entre outubro de 2015 e janeiro de 2016, e incluiu 14 entrevistas em profundidade nas Comunidades do Lagamar e do Serviluz, em Fortaleza-CE.

Palavras-chave: paisagem cotidiana, pesquisa qualitativa, habitação.

uais contribuições poderia uma pesquisa qualitativa trazer para projetos de espaços livres em espaços habitacionais? De que forma informações aprofundadas de percepções individuais podem auxiliar projetos realizados para usuários desconhecidos? O objetivo do presente artigo é alinhavar proposições teóricas a resultados de uma primeira sondagem, a fim de entender possíveis aportes ofertados pela metodologia qualitativa fenomenológica para o tema.

Um primeiro aspecto a ser definido é a justificativa para inserir tais percepções como dados de projeto de espaços cujo destinatário final é anônimo. Se o projeto se destina a espaços coletivos, por que não seguir a formulação generalista do usuário padrão, com suas necessidades universais? Como subjetividades individuais poderiam representar acréscimos qualitativos para tal tipo de projeto? Em parte, esta resposta já é dada nos capítulos introdutórios deste

livro: a unicidade e a irrepetibilidade do homem não se refere à completa singularidade de cada indivíduo. Inseridos dentro de integrações nas quais se formam e assimilam valores e comportamentos, o homem é, simultaneamente, ser particular e ser genérico (Heller, 1970, p.34)

A isto, se soma o entendimento de que a cidade é uma construção realizada ao longo do tempo, tanto em seu aspecto físico quanto simbólico. O imaginário urbano, as formas de habitar um espaço são estruturados pela base física de suporte, ao mesmo tempo que a modelam pelas ações de seus habitantes. Um projeto, assim, não se dá sobre tabula rasa, mas fundamenta-se em heranças espaciais, especialmente as relações que se dão sobre e com o espaco.

Essa compreensão da cidade como produção coletiva a aproxima da noção de paisagem no

1 Augustin Berque defende que a noção de sociedades paisageiras, relacionadas intimamente às paisagens que produzem, modelando-as a partir do labor continuo de gerações que sucedem e depositam sobre a estrutura do solo, objetivo e físico, as camadas de significado que constituem a paisagem. (SER-RÂO, 2013).

² Designa-se por cotidiano "o conjunto de atividades naturais e rotineiras reguladas por costumes e desenvolvidas num espaço social definido e próximo" (Carvalho; Netto, 2011:77), está presente em todas as esferas da vida do indivíduo.

3 O uso do termo experienciadores, aqui, se dá substituindo o tradicional usuário. A escolha do termo indica uma crítica a uma visão funcionalista do planejamento urbano, que subdivide os cidadãos segundo classes com necessidades e papéis específicos, e que lhe nega a co-criação de seu espaço de vida. Assim, para expressar seu papel de agente participante da própria paisagem, adotamos o termo experienciadores, derivado da noção de experiência, percepções mescladas das sensações da vivência e das imprensões da memória individual e coletiva. conforme compreensão de Angelo Serpa (2007) sobre o pensamento de Walter Benjamin.

⁴ A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em obietos e dinheiro). Lefebyre. 1991

sentido entendido por Augustin Bergue como produção paisageira¹, ambas diretamente relacionadas às ações cotidianas de coletivos que habitam o lugar. Desconsiderar a pluralidade atuando sobre a cidade é produzir espaços defasados em seu nascimento. As recentes discussões sobre a aplicação do conceito de sustentabilidade ao urbano não podem ignorar o papel significativo dos espaços livres para além do funcionalismo de espaços de esporte e lazer. Então, pactuar as propostas técnicas e os usos efetivamente realizados, evitando as dissonâncias tão recorrentes, que reduzem a efetivamente os resultados pretendidos com a própria intervenção? Inserir a subjetividade criativa dos cidadãos nas intervenções é, na verdade, racionalizar os projetos.

A necessidade de estabelecer recortes em uma temática tão vasta levou à escolha dos espaços do cotidiano² como objeto de estudo. Dentre estes, os espaços livres em áreas residenciais destacam-se, tanto por seu significado, quanto por seu quase abandono por uma lógica de produção urbana de caráter mercadológico. Por uma razão muito simples: apenas os espaços excepcionais – em duplo sentido: por suas características e pela restrição de acesso - são passíveis de se transformar em produtos vendáveis. O espaço vivido, cotidiano, banal, o espaço opaco de Milton Santos, não possui interesse para a cidade do espetáculo.

As possibilidades de uma investigação aprofundada desse tema, portanto, exige a revisão do entendimento do papel dos espaços livres. Transformá-los de espaços de exceção a elementos integrantes do cotidiano, de espaços de fruição passiva a *locus* da ação criativa dos experienciadores³, do espaço cenográfico do visível para o espaço da corporeidade, do acessível. É a partir desta percepção que se percebe a necessidade de planejar como *pensar a própria pluralidade* do real e *dar efetividade* a este pensamento do plural (CERTEAU, 1998, p.172). É na aceitação das lógicas plurais expressas no cotidiano que o processo de planejamento poderá evoluir de estruturas natimortas a espaços plenos de e para vida.

A resposta à pergunta sobre como criar espaços públicos satisfatórios é uma nova questão: como não propor um produto acabado (aliás, uma utopia dos arquitetos), mas permitir ao projeto ser aquilo que realmente é, uma etapa numa obra sempre inacabada que é a cidade⁴ (Lefebvre, 1991)? O desafio é então como trabalhar com múltiplas percepções, permitir que lógicas diversas convivam e se influenciem concomitantemente, recriando a partir de vocabulários e sintaxes propostos uma nova poesia urbana.

A pesquisa em andamento encontra-se em fase inicial. Para entender as possíveis contribuições da pesquisa qualitativa fenomenológica, realizouse um experimento de sondagem em campo, o qual será apresentado neste capítulo. Para um melhor entendimento, uma breve introdução das questões que orientaram o objetivo da pesquisa será apresentada. Em seguida, alguns resultados preliminares e ao final, reflexões necessárias sobre o processo de investigação, problemáticas enfrentadas e aportes que se anunciam.

Espaço cotidiano e sustentabilidade urbana

O primeiro passo no caminho do entendimento é a melhor definição das questões investigadas. Para isto, é expandir a noção de 'projeto bemsucedido', denominado na atualidade pelo cognome de sustentável. O termo sustentabilidade tem se subdivido em diversas adjetivações. Atualmente, aceita-se que sustentabilidade no meio urbano implica num arranjo territorial dos assentamentos urbanos que satisfaria seus habitantes como "seres culturais" (reis, 2002), ou seja, não somente suas necessidades objetivas (como acesso a bens e serviços urbanos ou possibilidades de participação em processos de decisão) seriam contempladas, mas igualmente necessidades subjetivas (como a satisfação do sentimento de pertencimento ao lugar e a continuidade cultural) devem ser atendidas (ACSELRAD, 1999, PLESSIS, 2001). Aliás, é importante salientar, a sondagem realizada deixa entrever o próprio desejo dos entrevistados de reconhecimento como co-criadores, e a recusa em aceitar propostas elaboradas sem sua participação.

Tais propostas, porém, ainda são regra nas intervenções urbanas, orientadas por um funcionalismo tecnocrata, em especial para os espaços públicos ditos banais. O fato urbano transforma-se num espaço abstrato de uma sociedade imaginária, descarnado porque separado de seu conteúdo

humano, unidade forjada por uma racionalidade urbanística à mercê do interesse utilitário da razão. Esta "Cidade-conceito" (Certeau, 1998), é também a "insensata Megalópole Industrial", espaço de fragmentação do humano e de alienação, espaço tecnológico industrial da metrópole-fábrica gigante, espaço da quantidade divisível e da repetição, da incomensurabilidade entre mundo objetivo e subjetivo, da destruição do espaço de vida e sua substituição por espaços impessoais (Assunto, 2013).

O foco exclusivo em necessidades objetivas passíveis de mensuração quantitativa fragmenta o habitante urbano em análises setoriais, e o sintetiza em um somatório de necessidades e carências, que cumpre satisfazer de forma padronizada (Martins et al., 1996). O projeto assim realizado transforma o cidadão em "usuário", unidade discreta de um sujeito universal criado pelas estratégias da ciência urbanista, excluído da propriedade e da gerência do espaço urbano, consumidor de um espaço que lhe é imposto, numa atitude de submissão aos detentores do saber técnico.

Porém, transformar os cidadãos em consumidores não elimina, mas apenas esconde suas ações criativas, a *poiein* ⁵ anônima, a combinação dos elementos desta cultura de forma sempre diferenciada. É somente pelo fato da vida cotidiana ter sido transformada em uma rotina repetitiva, mirrada, em que as forças humanas estão presentes, mas não plenamente atuantes, que se sustenta o conceito do antagonismo intrínseco entre o processo de vida normal e a apreciação estética.

É a vida cotidiana que constrói verdadeiramente a cidade, e vice versa. Ainda que inconscientemente, são os habitantes, através de suas práticas e táticas que escrevem com seus corpos os textos que compõem a cidade. Em recíproca, a cidade inscreve neles sua cartografia, num processo que culmina naquilo que Jacques (2008) descreve como corpografia urbana 6. Esse processo criativo, poético, ocorre no intercâmbio do corpo com o espaço urbano, transformando os espaços livres de uma cidade no substrato por excelência da sociabilidade urbana, microcosmos das ações criativas das diversas subculturas que compõem a sociedade urbana, e, portanto, elemento chave da formação de uma "esfera pública" (QUEIROGA, 2012). São espaços aonde as atividades rotineiras do trabalho

e da subsistência podem dar lugar à criatividade e a fruição, necessários ao crescimento humano, funcionando como espaços de descontração de uma rotina marcada pelo economicismo das atitudes repetitivas (Heller, 1970).

Neste processo, espaços gerados de forma quase esquizofrênica, em lógicas de projeto distanciadas daquelas de seus destinatários, são *traduzidos* para uma linguagem inteligível para o cidadão comum. São estas micro-resistências que lhes permitem habitar em espaços nos quais são sim-ples locatários, ao dissociar as micro-decisões da macroestrutura dominante ⁷, permitem aos designados consumidores tornarem-se produtores autônomos, utilizando-se do vocabulário fornecido para a construção de suas próprias narrativas. A cidade como espaço democrático deveria ofertar o suporte a este processo⁸; uma cidade sustentável deveria aproveitar racionalmente a energia des-pendida como elemento de sua produção.

Para isso , é preciso entender as relações mantidas pelos que vivem o espaço com o imaginário urbano, entender seu discurso, abordar a linguagem na própria linguagem ordinária, sem um ponto privilegiado, de forma que a própria pessoa do planejador se ache implicada, num processo autorreflexivo em que se reconheçam as formas ditas "naturais" de dominação do espaço e do conhecimento, permitindo-se aprender as formas alternativas, furtivas, dominadas mas presentes, de apropriação do mundo e da natureza. Desaperceber os elementos sutis, não-ditos, mas cruciais, que influenciam o comportamento dos indivíduos pode comprometer os resultados.

A experiência estética como elemento do cotidiano

Heller nos apresenta o cotidiano como a própria 'essência da história' (Heller, 1970, p.34). Ao mesmo tempo que repetitivo e baseado em comportamentos aprendidos, a interação entre aquilo que é socialmente aceito e a própria individualidade do homem dá a ele possibilidades de criação que o individualizam. É aí que se produz a criatividade cotidiana. Essas possibilidades só se tornam conscientes, e desalienadoras, porém, se lhe for possível o distanciamento que origina a reflexão. Ela denomina este processo de homogeneização. Caso contrário,

⁵ Entendida aqui como a atividade de criar, inventar, gerar.

⁶ O termo corpografia, retirado de artigo homônimo, quer dizer um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta. (JACQUES, 2008)

7 LEFEBVRE, H. Critique de la vie. IIII: Modernité au modernisme: pour une métaphilosophie du quotidien). Paris: L'Arche, 1981 apud Carvalho; Netto, 2011)

⁸ Tanto Rosario Assunto quanto Arnold Berleant, ao tratar da experiência estética na cidade, ressaltam a importância da consciência dos processos que originam o espaço vivido como essenciais para o bem-estar do homem. (SFRRÂO, 2013). A consciência deste processo seria vital também para o processos de 'homogeneização', de crescimento humano em direção às suas potencialidades como "homem inteiramente", atingindo um estágio sempre maior de desenvolvimento. (Heller, 1970).

a cristalização dos comportamentos do cotidiano termina por empobrecer a essência humana nos 'papéis sociais'.

A necessidade de experiências que permitam esse distanciamento, a descompressão do homem do automatismo exigido pela heterogeneidade e velocidade das múltiplas tarefas diárias, permitem propor uma *necessidade da paisagem* ⁹. Mais ainda, que essa paisagem não seja um atributo de momentos específicos, mas esteja presente mesmo em nossa vida cotidiana. Conforme Arnold Berleant, ao discorrer sobre a apreciação estética ambiental por ele proposta¹⁰: "Os valores no nosso ambiente expandem-se quando alargamos a nossa sensibilidade e atenção e já não restringimos a apreciação a ocasiões especiais."

O processo proposto por Berleant para permitir esta apreciação permite associa-lo à de homogeneização apresentado por Heller. Segundo o autor, seria necessário para esta apreciação a "(...) atenção profunda, tão rara no mundo contemporâneo, à vivência numa casa ou no lugar ao qual pertencemos de forma íntima." (Berleant, 1997) A concentração de todas as nossas forças em uma única tarefa seria, segundo a filósofa húngara, o segundo elemento necessário para conseguir a homogeneização que produziria o crescimento do homem em direção a uma unidade consciente, e seu consequente afastamento da fragmentação e alienação que atormentam a vida contemporânea.

Esse processo é contrário à citada visão mercadológica da cidade, com a valorização específica de determinados espaços, consumidos como produtos para usufruto de uma elite educada, capazes de entender um vocabulário estético produzido por numa intervenção artializadora¹¹ do indivíduo excepcional, sensível, como resultado daquilo que Berque denomina de "forclusão"¹² do trabalho. (Berque, 2013). Neste modelo somente se permite a preocupação estética naqueles locais cujos ocupantes teriam suficiente renda para se permitir devaneios ociosos em ambientes cuidadosamente trabalhados. A paisagem seria assim, luxo para poucos, mesmo porque exigiria determinados níveis de sensibilidade e cultura inexistentes no cidadão comum.

Para os demais, os poucos espaços livres disponibilizados são projetados a partir de projetos padrão, ofertando equipamentos cujo descolamento do contexto torna-os quase esquizofrênicos. A multiplicidade de funções que esses espaços livres podem abrigar – frequentemente, sobrepostas numa mesma base física – tem sido muitas vezes desprezada, e não é incomum que sejam tratados como o espaço "que resta".

Esta separação entre estética e cotidiano é artificiosa, e mesmo prejudicial, pois, à medida que trata a arte não mais como parte de uma cultura inata e espontânea, enfraquece-a como expressão da matéria perceptiva, afastando o homem comum de um tema que supõe refinado, imergindo-o no pragmatismo cotidiano em busca de substitutos, mesmo que vulgares e baratos, que lhes atendam os anseios por experiências prazerosas. A demanda pela experiência estética é parte do homem, e a arte nada mais é que a transformação de materiais "que gaguejem ou emudeçam na experiência comum em veículos eloquentes" (Dewey, 2010).

A diferença entre a arte e o banal seria apenas a intensidade da própria experiência sensorial e perceptiva, significativamente mais esclarecida e intensificada, permitindo o entrelaçamento do tempo individual num tempo mais amplo, que é natural e histório, simultâneamento passado, presente e futuro, naquilo que Assunto chama de temporalidade. Ou seja, seria arte tudo aquilo capaz de despertar respostas mais profundas do ser humano, a atenção concentrada e consciente da reflexão.

É esta experiência que Berleant (1997) diz ser mais vívida no espaço de vida que na própria arte. E que Assunto (2013) prega como necessidade humana no ambiente, se não se desejar submergir a consciência humana no cotidiano alienado e sufocante do espaço padronizado e produzido em massa. É aí que se produz a homogeneização das experiências fragmentárias que permitem a unidade (ainda que nunca completa e permanente, mas sempre maior) que eleva o indivíduo em direção à consciência, de que nos falam Lukács e Heller. (Martins et al., 1996).).

A estética está nas possibilidades da própria essência humana. O que é oposto ao estético é a monotonia, a desatenção ante as tarefas, a submissão às convenções, as características da vida cotidiana expandidas para esferas que não lhe pertencem,

⁹ Associa-se aqui ao termo a apreciação estética dos espaços livres no ambiente de vida, e é neste sentido que é utilizada num contexto urbano

¹⁰O autor defende a importância da preocupação com o bem estar humano e a satisfação instríseca que provêm como resultado de uma experiência estética positiva, que se estão presentes na arte, são mais nítidos no meio ambiente (que trata como aquilo que envolve o homem, parte do homem que se conforma fora de seu corpo). A importância do aspecto positivo destas experiências é que, segundo Berleant, "Logo, as coisas que fazemos fazem--nos a nós.(...) Dentro e fora, consciência e mundo, seres humanos e processos naturais não são pares de opostos, mas aspectos da mesma coisa: a unidade do ambiente humano." (Berleant, 1997).

11 Alain Roger apresenta um processo que denomina de artialização, de operação artística sobre o objeto natural, seja como produção de imagens da natureza (artialização in visu), mas também diretamente sobre a natureza (artializacão in situ).

12 Forclusão, termo oriundo do vocabulário jurídico e psicanalítico, significa, grosso modo "retirar/excluir e fechar a porta". Ver BERQUE: O pensamento paisageiro – uma aproximação mesológica (FERRÂO, 2013). 13 Berleant cunha o termo dano estético para definir as consequências de experiências estéticas negativas repetitivas, que implicariam o afastamento e alienação do homem de seu ambiente. o distanciamento artificial imposto pela rotina e pela insensibilidade que com que o indivíduo se protege do excesso de *danos estéticos*¹³ da cidade contemporânea. Observa-se então o dilema do homem comum: submetido a uma lógica alheia, subsiste numa rotina castradora. Apenas quando assume a dualidade entre os circuitos dominantes e instituídos e suas ações cotidianas que experimenta a esperança e a autonomia.

A cultura sempre mais totalizante é incapaz de sufocar essas ações, práticas de guerrilha. E elas resistem em culturas subdominantes (SERPA, 2007). Apesar da cultura hegemônica de uma cidade espetáculo expandir sempre mais suas áreas de atuação, surgem brechas que permitem resistências, possibilidades criativas ao homem comum. É possível perceber que apesar dessa penetração sempre maior de uma ordem imposta, permanecem resquícios de práticas "menores", alternativas, pois somente a partir de táticas "sem identidade legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparências racionais" (Certeau, 1996, p.174), assim classificadas por distanciarem-se das narrativas oficiais inscritas no espaço. E é preciso reconhece-la. Como encontrála? É preciso saber ouvir as falas dos cidadãos. E é aí que se acredita que a metodologia qualitativa com base na fenomenologia pode vir a contribuir fortemente.

A paisagem pelos olhos de quem habita

A noção de paisagem urbana é um conceito teórico controverso. Apesar de livremente utilizado na fala das pessoas entrevistadas, existe um intenso debate teórico sobre sua pertinência ou não. Para os fins deste trabalho, a noção a ser utilizada aqui se aproxima mais da apreciação estética ambiental, conforme denominada por Arnold Berleant denomina de experiência estética ambiental. Segundo este autor, existiria a necessidade de uma qualidade estética de nossos espaços cotidianos, pois a satisfação e bem-estar humanos estão intimamente associados à experiências estéticas positivas. Essas experiências seriam muito mais vívidas e satisfatórias no ambiente de vida, ao qual estaríamos intimamente conectados, de tal forma que a relação de continuidade se dá pela expansão sempre infinita das camadas em torno da individualidade. (BERLEANT, 2013).

Paisagem seria para Berleant a dimensão perceptiva de um espaço observado, criada a partir de "(...) atenção profunda, tão rara no mundo contemporâneo", com a concentração de todos os sentidos neste processo. Aqui se aproxima do pensamento de Berque, que define a percepção da ecúmena como a mediância, o sentido subjetivo e objetivo da relação de uma sociedade com a extensão terrestre (toda ela, segundo o autor, já passível de ser entendida como espaço ecumental, por ser toda ela inserida no espaço de vida humana).

A escolha da modalidade de entrevistas em profundidade permite entender as referências utilizadas pelos respondentes, não somente para comunicar a compreensão da paisagem, como também aquelas introjetadas sistematicamente por imagens hegemônicas. O objetivo das entrevistas realizadas foi procurar como o fenômeno¹⁴ da paisagem se manifestava para os entrevistados. O roteiro elaborado se desenvolveu em torno da pergunta: "O que é isto, a paisagem?".

A fim de entender como então era traduzida a paisagem para os entrevistados, as perguntas se desenvolviam em torno de 03 temas, a saber:

- A compreensão do termo: paisagem
- Memórias da paisagem
- Elementos de uma bela paisagem

Por se tratar de uma primeira sondagem, e pelo próprio caráter da pesquisa fenomenológica, as perguntas efetivamente propostas variaram de entrevista a entrevista, explorando alguns conceitos mais aprofundadamente, à medida em que surgiam na comunicação do entrevistado. Além disso, o próprio aprendizado de pesquisa se reflete nestas alterações: à medida em que mais entrevistas foram efetuadas, a prática permitiu um aumento da desenvoltura e da sensibilidade na própria atuação do pesquisador, facilitando a condução da conversa.

Inicialmente, na maioria dos casos, pedia-se aos entrevistados, escolhidos entre moradores das áreas de estudo determinadas, que definissem o que entendiam por paisagem. A pergunta, que imediatamente promovia uma reflexão sobre um tema pouco usual para eles, objetivava entender que de forma qual a conceituação dada para um

14 Aqui o sentido do termo é aquele apresentado por Martins & Bicudo (2005:22) para a pesquisa psicológica e educacional: o sentido da entidade que se mostra em local situado. Entende-se assim que a paisagem só se mostra onde alguém a experiência, e o acesso a ela se dá pela experiência e indiretamente por meio da descricão desta.

termo já adaptado ao vocabulário cotidiano. As respostas, quase sempre fornecidas após pausas mais ou menos longas, tratavam em geral de lugares comuns: natureza, o belo, ainda que muitas vezes mescladas a conceitos mais aprofundados. Em alguns casos, especialmente dos entrevistados mais jovens, surgem noções bastante surpreendentes. Observou-se também que a reação a essa primeira resposta em muito ajudou o desenvolvimento da entrevista. Ao perceber que a primeira resposta, elaborada com alguma dificuldade e timidez era aceita, os entrevistados sentiam-se mais livres para fornecer as próximas respostas, e a entrevista fluía mais livremente.

A percepção do impacto de determinadas posturas e procedimentos sobre os entrevistados e sua disposição na participação foi muito importante, facilitando sensivelmente as entrevistas realizadas posteriormente. Esse desenvolvimento do próprio pesquisador é fundamental, em especial neste momento da pesquisa. Permitir a expressão sincera dos entrevistados é difícil, especialmente no contexto escolhido, em que alguns se posicionam já em posição de inferioridade ou receio (de suas respostas serem consideradas erradas, de desapontar, etc.). Além disso, é um exercício não buscar confirmar idéias pré-concebidas, inclusive com uma condução da entrevista guiada a partir de molduras cristalizadas da experiência própria ou da teoria, prejudicando o aprendizado. É preciso questionar as teorias a partir da experimentação, permitindo-se refazer caminhos quando necessário.

Ao mesmo tempo, questões como a escolha dos participantes e do vocabulário a ser utilizado, a determinação do roteiro, decisões como a melhor forma de fazer o entrevistado retornar a temas relativos à pergunta em meio a divagações por vezes significativas para aqueles que têm poucas oportunidades de ser escutados, são processos intuitivos baseados numa sensibilidade que se desenvolve ao longo da prática. Isso reforça a importância do exercício prévio de sondagem aqui realizado: a aceitação de equívocos e oportunidades *não-exploradas* na análise posterior a cada entrevista auxiliaram a refinar os roteiros das entrevistas subsequentes.

As comunidades aonde se realizaram as entrevistas foram dois, escolhidos justamente por situaremse em situações aonde se reconhecia um esforço por uma paisagem (no sentido agui trabalhado). Através de conversas com membros das duas comunidades revelou-se um discurso sobre a importância do prazer de estar em determinado espaço, que os próprios moradores denominação 'sua' paisagem. Com o interesse despertado por tais falas, procedeu-se a algumas entrevistas, no total de 04 moradores em uma comunidade (Lagamar) e 10 na outra (Cais do Porto ou Serviluz), a fim de entender o que se apresentava. A escolha dos entrevistados não se realizou de forma determinada previamente, porém envolveu, nas duas comunidades, faixas etárias diversas (adolescentes, jovens adultos e idosos), buscando tipificar as diversas redes existentes (cf. sugestão de SERPA, 2007).

As entrevistas foram realizadas nas comunidades, em sua maioria, ao ar livre. Isso revelou-se importante – muitas das falas foram permeadas por gestos, que apontavam no espaço circundante confirmações das palavras: olha aquela árvore, veja essa vista, ali naquele lugar, esse mar, esse céu. Acredita-se que este fato foi importante para o desenvolvimento de algumas respostas. Algumas entrevistas foram realizadas com o entrevistado sozinho, outras, por solicitação do entrevistado, em companhia de outros. Em alguns casos, isso revelou-se positivo, à medida em que o grupo se auxiliava entre as repostas. Em outros, negativo, à medida em que o entrevistado tinha alguma dificuldade de expressar pensamentos, expondo sua individualidade frente a colegas, especialmente no caso de adolescentes

Um dos primeiros pontos das entrevistas foi a Comunidade do Lagamar. Situada às margens de um riacho posteriormente canalizado, o Riacho do Tauape e Rio Cocó, foi inicialmente uma comunidade que acolhe migrantes que acorrem a Fortaleza fugidos da seca, ocupando terrenos alagadiços. Com história de mobilização, especialmente protagonizada por mulheres, que se transformou em marco na cidade, é atualmente uma das poucas Zonas de Interesse Social regularizadas no município. O Lagamar foi escolhido justamente por um novo conflito ocorrido no momento da pesquisa: o protesto dos moradores por uma reforma na praça da comunidade, praça de São Francisco, sem consulta prévia à população.

A praça de São Francisco foi construída a partir de iniciativa dos próprios moradores (ou moradoras, como as entrevistadas faziam orgulhosamente questão de ressaltar). A partir de terreno pouco propício, por se tratar de área de terreno pantanoso, foram estabelecidos sucessivamente dois projetos de praça. Interessante notar que os mais jovens a responder as perguntas contam relatos complementares à entrevistada mais idosa, idealizadora primeira do espaço. É como se as narrativas se complementassem, demonstrando a existência de duas fases no processo de apropriação da praça. Um primeiro, no momento de implantação da própria praça, com a preparação do terreno em mutirão encabeçado por uma das entrevistas. O esforço foi posteriormente contemplado pela municipalidade e pela igreja católica, com a pavimentação e implantação de bancos e uma edificação (capela/espaço comunitário). O segundo, a partir de atuação dos moradores para revitalização do equipamento, abandonado, com mutirão de limpeza e plantação dos canteiros.

O segundo, o Serviluz, é uma comunidade praieira, a "esquina de Fortaleza", conforme a definiu um dos entrevistados. Comunidade surgida na retarguarda do Porto do Mucuripe, é conformada ao redor de um pequeno núcleo de pescadores artesanais acrescido por sucessões de levas de migrantes, afixados no lugar por diferentes motivos: trabalhadores do porto e do parque industrial de apoio, pescadores movidos pela valorização de outras praias urbanas, etc. A comunidade tem resistido a frequentes ameaças de remoção, motivadas pela transformação da zona porturária e a retirada das indústrias, com objetivos de transformar o espaço em zona turística. Assim, observa-se a existência de algumas organizações dos próprios moradores, autônomas ou com apoio de organizações como igrejas ou ONGs. Um dos motivos da resistência é justamente a percepção de que também eles teriam direito a permanecer morando à beira-mar, enquanto as alternativas sugeridas ofertam remoção para espaços distantes na cidade.

O papel marcante dos espaços de mobilização social, representado na importância dada pelos entrevistados, é refletido claramente em suas respostas. Quando instados a descreverem um circuito pelos marcos da comunidade, poucos não citaram uma parada nas associações e pontos de reunião da comunidade. Mesmos os mais jovens, já distantes dos líderes comunitários inicialmente contactados, relatam que o contato com grupos do bairro os fez retornar e rever aonde moravam.

Pr., por exemplo, de 19 anos, fala incialmente imagens de cachoeiras e serras que visitou, nãorelacionadas à praia aonde mora, quando responde sobre paisagens enquanto conceito teórico. Porém, quando questionada sobre memórias marcantes de experiências ao ar livre, relata principalmente memórias dentro do bairro, de momentos de reflexão em atividades banais, como banhos de mar. E explica que tais momentos se tornaram memoráveis principalmente pela consciência de que faziam parte de seu lugar de moradia, mas ela só os havia percebido naquele instante, somente então se tornavam experiências. E diz: no dia a dia, saia cedo e retornava tarde, morava no bairro, mas não o conhecia. Somente quando se insere num coletivo que atua no bairro é que "volta ao seu bairro".

Essa fala possui múltiplas relações com a discussão inicial. Um dos argumentos utilizados por muitos defensores da hipótese artializadora moderna seria justamente a pouca importância dada pela população a paisagem em seus espaços de vida. Por se tratar de parte de seus cotidianos, já não haveria olhos para ver aquilo que seria produzido também por eles. O que se deixa entrever é que não é o cotidiano que cega o olhar para espaço, mas a rotina e a aceitação de pré-juízos. Pr., por exemplo, fala da importância do conhecimento de outras narrativas para a valorização de um lugar. Ela cita o caso de outra comunidade litorânea, o Poço da Draga, conhecida como espaço de criminalidade e violência. Porém, ao travar conhecimento com um morador do local, passa a conhecer toda a beleza escondida por trás das imagens negativos.

Um outro questionamento pode ser apresentado a partir das memórias significativas apresentadas pelos entrevistados. Esses relatos nunca são estáticos, não contam momentos de contemplação passiva, mas sempre tratam de atividades realizadas dentro de seu próprio contexto de moradia (jogos na infância, banhos de mar, retorno à casa, caminhadas entre pontos do bairro), fincadas nas lembranças por breves segundos de conscientização, como o pensamento apresentado por G., de 43 anos, quando se lembra da cena de uma caminhada na praia: "Acho massa quando o estilo de vida se une à natureza (...) É você fazer seu habitar." É

esse pensamento que eterniza a lembrança daquele dia na memória, e permite descrever as cenas observadas, e a natureza como pano de fundo.

Esses momentos podem ser relacionados às experiências de estética ambiental, conforme des-critos por Berleant, e se percebe sua importância para o sentimento de pertencimento à comunidade. "Eu gosto da minha quebrada", continua G., apesar dos sonhos de uma melhor condição de moradia. Prefere, diz ele, uma boa moradia por ali, por já haver se acostumado com a "condição de viver perto do mar". Aqui talvez ocorra um diálogo entre a imagem hegemônica da cidade de Fortaleza, cidade litorânea da indústria do turismo, e as memórias individuais, que as assimila e traduz numa interpretação própria.

Ou talvez essa percepção tenha raízes diferenciadas, nem sempre ancoradas nas imagens oficiais de um espaço. P., de 28 anos, diz: "Aqui, as pessoas se refugiam no mar." Ele se refere ao fato do Serviluz abrigar muitos migrantes, em especial os advindos de outros espaços litorâneos em Fortaleza ou outros municípios. Mesmo que trabalhem em indústrias não relacionadas a atividades marítimas, o mar os atrai, perpetuando memórias em seu cotidiano. Conclui dizendo que as paisagens são feitas por atração. Essa ideia, de que os novos espaços são escolhidos a partir de memórias anteriores, é fascinante, quando confrontadas com a hipótese da mediância, em que a produção se faz em meio a percepções subjetivas e o que objetivamente se oferece, numa construção por adição do novo sobre substratos existentes.

Nestes relatos, percebe-se a vantagem de permitir ao entrevistado certa margem de divagação. Desafiado por perguntas por vezes inesperadas (muitas entrevistas iniciam-se com hiatos mais ou menos longos entre pergunta e resposta), os respondentes foram levados a refletir. Algumas respostas tiveram conteúdo mesmo um pouco contraditórios, como a da jovem P., que inicia declarando que todos preferem conhecer aquilo que não tem, e ao longo da entrevista releva por diversas vezes a emoção por descobrir aquilo que já era seu ("do meu bairro").

A sensação de posse e pertencimento é recorrente: "Eu tenho a minha praia", diz Ca., de 15 anos; "Na maior realidade que eu vivo, que é a minha comunidade", diz A., de 29 anos. É a partir dessas estruturas que se organizam o conhecimento do mundo: a outra praia é diferente, porque diferente da minha; aqui é assim, nos "grandes bairros" é diferente. Essa construção permite o estabelecimento de significados a partir de características do es-paço, muito simbólicos, que assumem o papel de diferenciadores e classificadores do espaço urbano, como no caso da iluminação pública. A., por exemplo, atribui um papel discriminatório à iluminação por vapor de sódio, que identifica como "lâmpadas amarelas". Ela diz:

Nas comunidades, as lâmpadas são amarelas. Quando você entra nas periferias de Fortaleza, as lâmpadas, elas são amarelas. Onde você chega é amarela. Pra já dar este ar de penumbra e de diferenciação. (....) E aqui, elas eram amarelas. Aí na época da reforma, a gente solicitou que mudasse para brancas. E é interessante como mudou o clima. As árvores ficaram mais verdes, tudo ficou mais colorido. As cores ficaram mais vibrantes, porque o amarelo de fato dá um ar de escuridão. Algumas ruas aqui ainda têm lâmpadas amarelas, e muda o cenário.

A tonalidade de luz da lâmpada de sódio, em realidade alaranjada, possui efetivamente uma pior reprodutibilidade de cor do que a às de vapor de mercúrio ou LED, de tonalidade branca. Por estas últimas serem tecnologias relativamente novas, têm sido progressivamente instaladas substituindo as primeiras, mais antigas. Porém, trabalhando na lógica excludente das administrações públicas brasileiras, o processo se inicia nos bairros de maior poder aquisitivo. Daí surge a interessante tradução de uma decisão técnica, funcionalista a princípio, na materialização da percepção de uma discriminação sócio-espacial entre a comunidade e os 'grandes bairros': a cor da lâmpada é o que estabelece o "ar de diferenciação".

O tratamento do espaço público, nas respostas apresentadas, é sempre descrito como uma demonstração de códigos que estabelecem que ambas as comunidades e seus moradores "não são prioridade", como diz J., de 34 anos. Inclusive, porque como diz P., quando o poder público se manifesta com um projeto, geralmente não inclui a comunidade nem no planejamento, nem na implantação. Reiteradamente, moradores de ambas as comunidades questionam: Por que não perguntam a quem mora o que fazer para embelezar o lugar?

Retomando ao Lagamar, A. e J. explicam o conflito ocorrido. Não é porque não quisessem a implantação dos bringuedos ofertados, inclusive reconhecem a necessidade de espaços para o lazer infantil, inexistentes na comunidade. Mas por que:

Eles querem intervir na realidade das comunidades sem nem saber que que acontece nas comunidades. E nós aqui, que somos ativos, que temos uma ZEIS ativa, dentro de Fortaleza, nós queremos participar das escolhas da nossa comunidade

A dificuldade de diálogo entre os técnicos propositores e a população atinge ambas as comunidades. A percepção de que os moradores são indiferentes ao espaço que os circunda é reiterado na surpresa com que as recusas e protestos são recebidos pelos técnicos. P. resume: "Eles ficam zoados" porque os moradores não aceitam as propostas. A jovem C., de 15, porém, ao definir o que seria paisagem, apresenta uma visão bastante singular: "É aquilo que é bonito, né? Aquilo que não sai (...) as pessoas é que tem de ir pra ver.". Esta fala demonstra uma percepção da preponderância de um lugar. É o espaço que é buscado, que faz com que as pessoas se desloquem para experiência-lo.

A importância do espaço é reforcada pelas memórias que ancoram as pessoas naquele lugar. Como os moradores do Serviluz, que ao definirem o espaço de assentamento rememoram o lugar de partida. Ou como as senhoras da praça do Lagamar, An., de 75 anos, para quem a pequena pracinha "é muito mais linda que a praça do Ferreira (principal praça do Centro de Fortaleza). É, né, não, mulher? Mais conservada, se é pra ir pra Praça do Ferreira, eu prefiro vir aqui. " Ao que a outra, R., de 68 anos, complementa: "É, todo mundo acha, né. Mas não é a praça, não, o negócio é amor, né? ".

P., do Serviluz, usa uma imagem ("retratos", diz) para explicar este apego:

(...) olhando uma parede branquinha e uma parede cheia de picho (...) aquela parede [branca] está vazia, não representada nada, e a outra está cheia de picho, está cheia de singularidades (...) é vazio, aquilo, então a galera guer dar uma vida àquilo dali, embora de uma forma anárquica, de uma forma diferente (...).

São, assim, as singularidades gravadas no espaço vazio que caracterizam a especificidade e a razão do afeto por um lugar. P. continua o exemplo, contando uma discussão com um amigo que mora "em outra quebrada" e com quem se envolve numa disputa comparativa. Diz: o que é que tem lá? Ao que o outro responde: "Lá tem o Canal, a gente faz churrasco na beira do Canal". As particularidades de cada lugar é o que faz dizer: "eu não troco meu conjunto por nada", ainda que a marca impressa se pareça com uma degradação.

A relação entre marcas singulares se mostra também quando se tenta implementar outras marcas a partir de soluções generalizadas, sem raízes fixadas no espaço. Por exemplo, a implantação dos brinquedos de forma padronizada na praça. Mesmo quando se trata apenas de ideias aceitas como positivas, é preciso adequá-la às realidades do lugar, ainda que a iniciativa parta dos próprios moradores. O Lagamar fornece ainda um outro exemplo.

J. conta sobre um evento criado por um grupo de jovens para a praça do Lagamar. Chamado o Dia do Abraço na Praça, reuniu um grupo de moradores, inclusive crianças, para realizar intervenções na praça e conscientizar para o "cuidado com o nosso". Avalia que o dia foi um sucesso, pois "Depois desse dia, a gente percebeu que a comunidade pegou [a praça] pra ela, se apropriou mesmo (...) A lembrança foi muito forte, muito marcante, esse ato do Abraço na Praca, foi o momento em que as pessoas se sentiram naquele local".

Essa iniciativa representa a incorporação da organização local de ações ocorridas por toda a cidade, a partir da mobilização da população frente à degradação crescente de áreas públicas. As intervenções realizadas foram a limpeza na praça e a reinserção de plantas em canteiros. Os vizinhos passaram a adotar cada canteiro e a manter a vegetação. E um conflito então se instala: as crianças quebravam as plantas, com as brincadeiras com bola. Porém, não havia outro espaço de lazer, pois o canal, antigo espaço de jogos, encontra-se agora sempre cheio e poluído. Foi preciso então articular uma solução específica, que pactuasse o uso de espaço verde com o de lazer infantil e de festividades da comunidade (como a quadrilha junina). Foi nesse delicado equilíbrio que a ação da prefeitura para instalação de brinquedos quase interferiu, ao implantar os brinquedos no espaço central, impedindo os demais usos, ou ao propor a destruição de um dos canteiros.

Conclusões parciais de um aprendizado de pesquisa

A escolha do método trouxe desafios e recompensas. A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que se estuda (Martins & Bicudo, 2005), selecionando evidências para a argumentação (Bauer & Gaskell, 2015). De forma alguma pode se revestir de menor rigor científico, ainda que, ao focar não na possível generalização dos resultados, mas na compreensão, novas perguntas surgem quando deixa de lados determinadas questões lógicas e metodológicas essenciais para outras modalidades de pesquisa.

A preocupação com a qualidade dos resultados e sua efetividade para os fins desejados não se dá a partir de padrões de procedimentos preestabelecidos como corretos para o desenvolvimento da pesquisa, mas de um processo autorreflexivo de autocrítica, demarcando práticas boas de práticas ruins, baseados em elementos como intuitividade e habilidade do pesquisador. O potencial do conhecimento é posto à prova a partir do diálogo.

A realização da sondagem de campo contribuiu para além dos aportes extremamente enriquecedores para o próprio objetivo da pesquisa, na indicação de posicionamentos frente à fundamentação proveniente da teoria. O esforço da empatia, de penetrar a forma de pensar, parece significativamente importante, em especial na temática estudada, que se constrói a partir de sentidos e interpretações a um tempo compartilhados e individuais.

Para isso, a experimentação, ainda que reduzida, demonstrou-se muito importante. O desenvolvimento da postura do pesquisador, a reflexão sobre os resultados de cada entrevista, das possibilidades surgidas, de seu aproveitamento ou não, funcionam como um treinamento do olhar e auxiliam na orientação do pensamento referente à temática. A cada entrevista, novos horizontes se descortinam. Cada respondente é um indivíduo singular, ainda que compartilhe de características mais ou menos genéricas. Observou-se a importância de uma postura compatível, que assegurasse aos entrevistados a importância de suas respostas.

A delicadeza de algumas memórias é surpreendente. A revelação de significados atrelados a determinadas circunstâncias e a valorização destes no ato de ouvir leva alguns entrevistados às lágrimas. A entrevista é um diálogo, que transforma respondente e entrevistador. É mais fácil a adoção de uma postura de respeito genuíno após esse mergulho em reflexões por vezes surpreendentemente aprofundadas. Percebeu-se nas respostas alguma insegurança, com solicitações mudas ou verbalizadas em um, "não é?" da confirmação da pertinência das ideias apresentadas. Ao ouvir suas próprias palavras, não raros moradores reflexionam sobre as respostas iniciais, que contradizem as opiniões apresentadas a posteriori. Não raras vezes, comentários realizados em meio ou após a entrevista refletiam: é, eu acho que é assim.

Algumas vezes, era preciso divagar. Os entrevistados precisavam de algum tempo para soltarem-se das amarras das imagens pré-concebidas, do automatis-mo de algumas imagens. Contudo, é preciso ainda um certo cuidado para que a entrevista não se perca, retornando ao tema de interesse. Como realizar este cuidado sem reprimir as respostas seguintes é um ajuste cuidadoso. Contudo, as divagações contribuíram bastante positivamente, indicando possibilidades a serem seguidas.

O cuidado da reflexão posterior sobre o material coletado em cada entrevista é essencial, para avaliacão da atuação do pesquisador. Observou-se ser mais vantajoso o espaçamento entre entrevistas, para permitir esse momento de reflexão. Talvez, em estágio posterior, seja possível um maior agrupamento das conversas.

Neste experimento, não se realizou um procedimento formal de escolha de respondentes, a partir de uma tipificação. À medida em que as entrevistas foram sendo realizadas, percebeu-se a necessidade de outras. Por exemplo, no caso do Serviluz, comunidade de maior número de entrevistados, iniciou-se com a indicação de um jovem. A partir dele, outros 03 foram indicados. Em um dos encontros, solicitou-se a indicação de entrevistados de outro perfil (não engajado, de outras faixas etárias). Este processo precisa ser melhorado, a partir de um estudo mais cuidado e de um roteiro mais elaborado. Contudo, acredita-se que existirá sempre uma margem para a reformulação das estratégias, a partir das descobertas in loco das redes existentes.

Referências bibliográficas

- ASSUNTO, R. A paisagem e a estética. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011
- ADERALDO, G. Reinventando a "cidade": disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de "coletivos culturais" em São Paulo. 342p. Tese (Doutorado) USP. São Paulo, 2013
- BERLEANT, A. Estética e In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- ______. Living in the Landscape. Toward an aesthetics of environment. University Press of Kansas, 1997
- BERQUE, A. A ecúmera: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- ______. O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- BESSE, J. M. Ver a Terra Seis Ensaios sobre a Paisagem e a Geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo, Perspectiva, 2006
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual. Petrópolis: Vozes, 2015
- BICUDO, M.A.V. (org.) Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.
- BURKE, P. Hibridismo Cultural. Madrid: Akal Ediciones, 2010
- CARVALHO, M.C.B. e NETTO, J. P. Cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.
- CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo, Martins Fontes, 2004
- CERTEAU, M. de. A invenção do Cotidiano. São Paulo: Ed. Vozes, 1998
- COURAJOUD, M. A paisagem é o lugar onde céu e terra se encontram. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- DEWEY, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010
- HELLER, A. O cotidiano e a História. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008
- FERREIRA, J. S. W. Produzir casas ou construir cidades. Desafios para um novo Brasil urbano. Parâmetros de qualidade para implantação de projetos habitacionais e urbanos. Editora Fupam, 2012.
- JAQUES, P. B. (2008) Corpografias urbanas. Vitruvius. Arquitextos, 8. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: < 25/06/2016>.

- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Moraes Ltda.,1991.
- ______. O direito à cidade. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro.,2001.
- LEITE, M. A. F. P. Em pavor da paisagem. Paisagem e Ambiente, n. 21, p. 65-71, 2006.
- MAGNOLI, M. M. Espaço livre-objeto de trabalho. Paisagem e Ambiente, n. 21, p. 175-197, 2006A.
- _____. Em busca de " outros" espaços livres de edificação. Paisagem e Ambiente, n. 21, p. 141-173, 2006B.
- MAIA, M. J., FLORES, A. R. Conectando espaços e integrando a sociedade: Estudo de caso do projeto "The Crossings". Congresso internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social. Porto Alegre, de 04-07 de maio de 2010.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A Pesquisa qualitativa em Psicologia. São Paulo: EDUC, 1989.
- MARTINS, J. de S. (Des) figurações A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1996.
- PEREIRA, R.I. O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção dos espaços livres públicos. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 2006. 203 p. Tese de Doutorado
- PEQUENO, L. R. B. Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformações e tendências. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, v. 12, 2008.
- REIS, A.; BIAVATTI, C.; PEREIRA, M. L. Estética Urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual, valor histórico e familiaridade. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 11, n. 4, p. 185-204, 2011.
- REIS, A.; LAY, M. O Projeto da Habitação de Interesse Social e a Sustentabilidade Social. Ambiente Construído (Online), vol. 10, p. 99-119, 2010.
- ROGER, A. Natureza e cultura. A dupla artialização. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- ______. Paisaje y Medio Ambiente. In: Breve Tratado del Paisaje. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007, p. 135-153
- QUEIROGA, E. F. Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. 2012. 284 f. Tese (Livre Docência - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- SERPA, A. Espaço Público na Cidade Contemporânea. Ed. Contexto. São Paulo, 2007
- SIMEL, G. AS GRANDES CIDADES E A VIDA DO ESPÍRITO (1903). In: MANA 11, 2. Museu Nacional, 2005. p.